

A EPISTEMOLOGIA DE PAULO FREIRE E O GRITO POR LIBERTAÇÃO

Márcio José Silva¹ 

Renan Antônio da Silva² 

DOI:10.29327/2282886.9.1-4

Introdução

Lançado há cinquenta anos no Brasil, o livro *Pedagogia do Oprimido* (1974), é obra seminal do pensamento freireano e suscita até os dias atuais muitas especulações, estudos, teorias e, em alguns casos, desinformação. A obra foi lançada, inicialmente, em 1968, em espanhol, no Chile, local do exílio de Paulo Freire durante a ditadura cívico-militar de 1964. Para educação, essa produção é inovadora porque aprofundou questões e permeou a educação com ações filosóficas. Por este motivo, pode-se inferir que Freire não desejou abordar técnicas sobre a educação e aprendizagem. O educador deslocou toda ação educativa de modo que a educação seja a própria metodologia.

O educador Paulo Freire é um dos alvos agredidos por pessoas que têm um projeto de dominação específico, as quais desejam que a educação tenha poder de polícia. Para esses, a prática educativa deve reduzir a pessoa humana ao padrão estereotipado e opressivo vislumbrado por alguns dentro da sanha maniqueísta de “bom” e “mau” ou “bem” e “mal”. Os pensadores neoliberais que desejam fazer da educação uma mercadoria de luxo e lucrativa que só pode estar à disposição de alguns poucos indivíduos, perpetuando, segundo o contexto do Brasil, a dialética colonial, cujo fundamento basilar, ainda existente, é a escravidão, outrora de africanos, atualmente, de todos os que estão em pobreza (Souza, 2018).

Neste sentido, pretende-se reconsiderar as contribuições que Freire doou à humanidade ao se tratar da educação. Através de revisão bibliográfica, busca-se destacar um aspecto do pensamento do Patrono da Educação Brasileira, a saber, sua epistemologia segundo os aportes da Filosofia. Com a banalização atual das expressões “direita” e “esquerda” no Brasil, fruto da manipulação consciente dos detentores do poder econômico e cultural, especialmente as mídias, a concentração será na educação vislumbrada por Freire. Recorde-se que o educador menciona

¹ Mestre em Educação, Arte e História da Cultura, graduando em Medicina na Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6972274666189236>

² Doutor em Educação Escolar, Docente Permanente do PPG em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5491042310888384>

frequentemente toda sua obra a condição de tais pessoas: desumanizadas, marginalizadas quanto à existência e vivendo à periferia da sociedade contemporânea.

Entendendo que todos os excluídos manifestam sua indignação de formas variadas, ainda que incoerentes ou contraditórias, vê-se, com contexto atual, que pessoas que alçam sua voz contra Freire, são também vitimizadas pelos que lhes manipulam e alienam, especialmente ao considerar a emergência do neofascismo no século XXI. Convida-se os leitores à reflexão sobre a ação política como inerente ao ato de educar, bem como à consciência de que a sociedade é movida pela politicidade. Não é o ideário ou a ideologia que se aborda, mas a educação e seu potencial. Espera-se chegar ao raciocínio humanista e crítico sobre os dias atuais no Brasil. Para Freire, a prática educativa tem que se ocupar em construir a mentalidade emancipada visando a sociedade justa e solidária.

1. O dilema da crise educacional

Entende-se por educação, o conjunto de práticas humanas que visam conferir às gerações posteriores os saberes necessários à existência civilizatória. Do ponto de vista da sociologia clássica, tal ação tem por objetivo modelar o ser humano ao 'ethos' coletivo ao ponto de possibilitar ao indivíduo a vida em sociedade (Aristóteles, 2006). Nesse sentido, a concepção de Durkheim sobre "fato social" ajusta-se à ideia básica de que dicotomias como ética/moral e autoridade/liberdade devam ser incutidos nas gerações mais jovens a fim de se manter a harmonia da coletividade (Durkheim, 2012).

O século XX, não obstante, demonstrou que a instrumentalização da educação, seja pelo Estado, seja pelas instituições da sociedade civil, não comporta todo axioma implicado na ação educativa. Os avanços tecnológicos e científicos obtidos pela humanidade na contemporaneidade, por exemplo, não conseguiram evitar a cruenta realidade da guerra e da desigualdade social. Na verdade, conforme apontado por Bourdieu (2007), o poder simbólico advindo do "capital cultural", sobretudo, o institucionalizado, conferido pelo conhecimento e educação formais, pode criar outra forma de conflito de interesses entre humanos.

O dogma "a educação é a solução e caminho para o desenvolvimento" não é pleno, haja vista a necessidade de se delimitar e compreender quem, por que e como tal ação estará direcionada. Recordando o período do nazismo alemão, sabe-se que o regime e todo seu alto escalão, bem como o povo alemão não foram privados de educação pragmática³ ou institucional. Deveras, regimes totalitários investem consideravelmente em tal campo da ação humana e, no caso dos genocídios do século XX, infelizmente, os saberes educacionais foram ferramentas para produção da barbárie.

³ Considera-se a educação advinda de três pilares: individual, social e pragmática. No nível individual, o sujeito desenvolve-se como ser humano e educa-se ao passar pelo estágio da educação social que abrangerá todas suas relações afetivas, sociais e interação com outrem. Por fim, a educação pragmática é provida pelo Estado em diversos níveis e deve complementar os estágios anteriores.



A filósofa judia Hannah Arendt (2017), analisando o caso supramencionado, recorda que o totalitarismo não surge repentinamente, mas é devidamente semeado e cultivado a partir do direcionamento doloso da educação para produzir um pensamento hegemônico que prive as pessoas da capacidade crítica e ação ética. A insurgência do nazismo aconteceu com etapas, tais como desqualificação do magistério, vulgarização da intelectualidade, rebaixamento das artes e imposição de uma Cultura. A filósofa menciona a “propaganda” que atrai a “ralé”⁴ em virtude da manipulação da realidade e a massificação do pensamento. Ao mesmo tempo, o Estado nazista investiu pesadamente na qualificação técnica e operacional, via educação formal, segundo as diretrizes do regime totalitário.

Recentes eventos no Brasil demonstram que tal situação não é diferente hoje. No início do século XXI, o governo brasileiro investiu consideravelmente na educação, especialmente no nível superior. Milhões de pessoas que não tinham a oportunidade de acesso à educação pragmática acessaram e obtiveram formação e qualificação. Não obstante, tais pessoas não foram preparadas para compreender a “propaganda” ao ponto de saírem em multidões às ruas para exigir a derrubada de uma presidente eleita legitimamente, mesmo se demonstrando que o processo para seu impedimento era eivado de vícios e informações distorcidas propagadas pela imprensa.

Adicionalmente, Darcy Ribeiro, descrevendo a peculiaridade da formação do Brasil e seu povo, recorda que a mentalidade colonial não se aparta da cultura brasileira e seu modo de agir e reproduzir os fenômenos sociais, incluindo a educação. Se durante a Colônia, tínhamos a metrópole e seus representantes. O período imperial criou a ‘nobreza ilegítima’, que nunca participou da nobiliarquia no sentido europeu (uma das muitas bizarrices do Brasil) e a República alterou os títulos de ‘nobreza comprada’ pelo poder permanente do latifúndio. Contudo, após os anos 1930, menciona Ribeiro (1995), surge o “patriciado tecnicista”, dentre os quais estão autoridades acadêmicas que têm reservas quanto à verdadeira emancipação do povo (“ralé”). Representantes de todos estes substratos exigiram a queda da presidente.

Logo, o mito ‘educação transforma o mundo’ não é absoluto, especialmente se essa for desprovida da mentalidade emancipadora da qual será falada posteriormente. Paulo Freire propôs uma visão realista sobre a educação e sua proposta se debruça sobre o que é crítico em todo lugar: a educação básica necessita de abordagem muito específica para que se possa formar de um ‘ser’ adulto, dialético e transformador. Esta visão freiriana incomoda os manipuladores da “propaganda”, assim como causa confusão na “ralé” por parecer o fim do que está estabelecido. Pode levar ao desconforto o “patriciado tecnicista” porque a liberdade de aprender parece não estar em harmonia com a liberdade de ensinar, embora ambos sejam direitos do mesmo artigo da

⁴ Arendt (2017) não usa “ralé” de modo pejorativo, mas para recordar que a vulnerabilidade social torna pessoas suscetíveis à crença nas utopias totalitaristas, tal qual passam à descrença das instituições democráticas. Assim, não se trata de pessoas desprovidas de senso ético ou moral, mas daquelas que foram condicionadas pela estrutura pragmática, controlada pelo Estado, ao ponto de ficarem à mercê de ilusões que o regime nazista produziu naquele período histórico.



Constituição Federal (1988, art. 206), estando o “aprender” à frente do “ensinar”, algo que pode incomodar os se apegam às cátedras, extintas pela ditadura (Brasil, 1968)⁵.

Assim, os desafios inerentes ao século XXI e as novas conjunturas da hipermodernidade⁶ implicam na busca de conceitos e definições que possam conduzir a educação ao modelo que seja coerente com sua concepção etimológica, do latim, *educere*, “conduzir para fora” (Cunha, 2010). Há teóricos e pensadores de muitas vertentes que buscam pensar a educação, dos conservadores aos neoliberais, dos progressistas aos libertários. Sendo esta ação parte essencial e inseparável do processo de desenvolvimento humano, resultando em análises e estudos que produzem um *corpus* educativo.

Há preocupação especial quanto aos rumos que tal debate tem tomado no planeta, olhando-se especificamente para a realidade brasileira. O avanço feroz da pauta neoliberal e da mentalidade neofascista, bem como a disseminação descontrolada de desinformação, produziu hostilidade contra a educação e, como é próprio dos momentos de crise civilizatória, a sociedade brasileira tem buscado se refugiar no autoritarismo e conservadorismo desenfreados como se tais pudessem assegurar direitos, algo que, além de contraditório, é inviável porque não se respeitam direitos com a eliminação de liberdades fundamentais. Tampouco a distorção destas produz emancipação, haja vista os mentirosos que querem usar a liberdade de expressão para semear mentiras, dúvidas, medos e ferramentas que escravizam as mentes.

2. Epistemologia freireana

As muitas escolas educacionais, especialmente no século XX, ofereceram teorias modelos interessantes sobre a aprendizagem: construtivismo, comportamentalismo (behaviorismo), cognitiva, experiencialista, sócio-interacional, autodirigida etc.. Tais abordagens, que se valem das Ciências Sociais, da Psicologia e Neurociência – mais recentemente – foram importantes para compreender maneiras de se ensinar. Todavia, nenhuma destas práticas foi capaz de reunir tudo necessário para o que Morin (1999) explicitou como “pensamento complexo”, que aborda a transdisciplinaridade que permeia os sistemas pessoais, sociais, pragmáticos e eco-ambientais. A educação tem abrangência tão ampla que falar apenas de práticas educacionais desvia da sua direção e potência.

A filosofia descreve “*teknné*”⁷ como a atividade objetiva, a prática do conhecimento construído, podendo-se dizer que se constitui nas tecnologias e ferramentas para produção de algo (Aristóteles, 2020). A episteme, por outro lado, está ligada à sustentação da técnica porque,

⁵ Há no Brasil alguns acadêmicos que falam em “liberdade de cátedra”, embora a Lei 5.540/1968, art. 33, § 3º, extinguiu tal posto universitário e nem a Constituição, tampouco a Lei de Diretrizes da Educação (9.394/1996) jamais o recriou. Manteve-se, outra criação da lei dos ditadores, a “autonomia universitária”, ou seja, a instituição pode se sobrepor ao direito de ensinar e aprender, algo preocupante.

⁶ Debate-se se a humanidade estaria vivendo a “pós-modernidade”. Contudo, considerando que a essência do “paradigma da modernidade”, alicerçados no racionalismo, progresso, indivíduo, universalismo e secularização não foi debelado ou substituído por um novo, utiliza-se a expressão de Lipovetsky (2005) que busca analisar os tempos atuais com sua transitoriedade, ainda no mesmo paradigma da modernidade, contudo, tendo o individualismo, consumismo e efemeridade quais condutores do processo.

⁷ Usa-se técnica ou tecnologia como sinônimos para *tekhné*, embora não sejam as expressões exatas.



segundo a Filosofia, aquela está relacionada à teoria, ao passo que a segunda com a execução. A teoria, filosoficamente, é tida como essencial porque toda execução estética⁸, no mundo material deriva seu fundamento no plano das ideias onde está a consistência e fundamento da realidade e realização (Platão, 2017). Freire, em sua obra, constroi sua pedagogia ou pensamento, demonstrando estes aspectos.

Fala-se da epistemologia freireana, haja vista que tal área nasce com fundamento filosófico, além da análise e estudo do discurso, a busca da compreensão do que se sabe, como e por quê. É próprio da Filosofia a criação e reflexão constante sobre problemas, de modo que não se pode determinar que tal área da ação humana lide com solução ou respostas aos problemas. Kiekgard (2004) analisa como o desenvolvimento humano em múltiplos estágios, incluindo o estético e o ético, têm etapas que demandam abordagens complexas e específicas. Assim, as teorias sobre aprendizagem, podem ser aplicáveis quais ferramentas para educação de qualidade. Na visão de Freire, ocupando-se do desenvolvimento humano, necessita-se pensar a educação como problema constante e multifacetado.

Nota-se no pensamento freireano, muitos termos estudados e analisados constantemente pelos filósofos. A referência da ambiguidade na relação do opressor/oprimido, bem como sua constante contradição e ironia são abordadas pela 'lógica' filosófica. A dialética existencial, alteridade, autonomia, emancipação e liberdade são problemas da filosofia em todos os tempos. A dinâmica da ação moral e política adentram no *corpus* da Ética, assim como a experiência do aprender e seu poder de emancipação são cuidados pela Estética. Por fim, a preocupação de Freire em estimular a solidariedade nas relações humanas, sobretudo na dinâmica do professor/aluno, adentram pela Metafísica e Ontologia. Portanto, o educador brasileiro mostra a possibilidade de se considerar a educação pelo prisma filosófico, de modo que esta nunca seja completa e, tampouco, reduza-se a absolutos axiomáticos porque sempre deve ser pensada, analisada e reformulada conforme decorre o tempo.

O já citado Pedagogia do Oprimido (1987) expõe a realidade da operação educacional no período sombrio vivido pelo Brasil e América Latina (IELA, 2017): a Grande Guerra⁹ (1914-1945) e ditaduras violentas – Fulgencio Batista (Cuba, 1933-1958), Somoza Garcia (Nicaragua, 1936-1956), Rafael Trujillo (1930-1961), Getúlio Vargas (1937-1945), Alfredo Stroessner (Paraguai, 1954-1989). Chile, Argentina, Peru e, novamente o Brasil, em 1964 – com hostil opressão, perseguição e extermínio de pessoas que se opusessem aos interesses das oligarquias e oligopólios orquestrados pelos estadunidenses (*ibidem*; Ferguson, 2006). A derrota dos EUA para Cuba, em 1959, foi o estopim para alimentar a “propaganda” que nutriu a “ralé” na segunda metade do século XX: ‘democracia’ sendo desvirtuada para criação de governos antipopulares e não democráticos;

⁸ Reduz-se a concepção de “estética”, grosso modo, às sensações e experiências humanas que determinam as relações individuais, sociais e pragmáticas (Platão, 2016).

⁹ Sabe-se que houve dois períodos específicos de guerra generalizada (1914/1918 e 1939/1945), contudo, alguns historiadores recordam que os eventos iniciados pela primeira fase da guerra produziram gravíssimas consequências econômicas, políticas e culturais no mundo do século XX, de modo que o período “entre guerras” não pode ser considerado “pacífico”, mas de “tensão controlada” que, por fim, resulta na segunda etapa do conflito (Ferguson, 2006).



‘pessoas de bem’ alienado e controlando a sociedade com a apresentação da moralidade como algo estático e rígido.

Tal percepção contrasta com o pensamento freireano porque, ao passo que os reacionários desejam impor a mudança das pessoas a partir do mundo em que estão inseridas, Freire explica que a real transformação vem da pessoa para sociedade em que se insere. O educador vê tamanha a dignidade da pessoa humana que expõe a necessidade de ações educativas simbióticas e sinérgicas, nas quais, sua história e contexto são a base para se iniciar a construção dos saberes. Não há antagonistas na visão de Freire, mas múltiplos personagens que se interdependem e trabalham juntos com a dinâmica horizontalizada, de respeito e afeto. O ensinar e aprender têm movimentos centrífugos e centrípetos, ora externalizando, ora internalizando saberes múltiplos que todos constroem juntos. Os educadores não são despidos de sua autonomia e liberdade, essenciais ao ofício da docência e os estudantes são expostos e provocados à reflexão crítica sobre suas circunstâncias, sem a necessidade de alguém que lhes tutele como se fossem desprovidos de inteligência ou capacidade.

Com tal concepção, Freire expõe como precípua função da sua metodologia, a educação, libertar e emancipar o pensamento humano. Tanto professores, quanto alunos estão buscando construir dinâmicas sociais que estão em metamorfose para o advento da pessoa esclarecida quanto a si mesmo e o mundo que lhes rodeia. Por esta razão, o educador recorda o que faltou ao processo educacional:

A liberdade, que é uma conquista, não é uma doação, exige busca permanente. Busca permanente de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. [...] É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos (Freire, 2018, p. 46).

O século XXI expõe claramente que a sociedade humana é alienada do sentido verdadeiro de liberdade. De fato, se tal condição essencial à existência humana e sua dignidade fossem presentes, não haveria o conflito nos campos subjetivo, social e pragmático. A pessoa desenvolve-se da dinâmica constante destes três elementos ao buscar sua própria realidade e compreensão de si (subjetivo); na interação natural e múltiplos atores que fazem parte de sua vida, desde familiares, amigos, escola, trabalho e relações interpessoais (social); por fim, a presença de instituições que estabelecem a estrutura social, tais como religião e Estado, economia, política etc. (pragmático), levando à ontologia e fenomenologia que busca a conquista da liberdade.

Ser livre, para Freire, não é uma ilusão como organizada na “indústria cultural” que cria um ‘cardápio’ de imposições, padrões e estereótipos da mesma coisa, a saber, a servidão aos interesses dos que detêm o poder econômico e cultural (Adorno, 2020). A liberdade prescinde da compreensão da dicotomia mundo/sujeito que está em dialética constante, permitindo, como dito, ser mundo ao passo que o mundo deve viabilizar a existência e probabilidade de ação prática. A mera prescrição ou exaustiva exposição de conteúdos, seja nas instituições, nas relações ou do sujeito para si mesmo, apenas perpetua a servidão simbólica aos devaneios da



'liberdade adquirida' que, sendo fruto do lendário 'mérito' não leva à conquista do ser livre ao ponto de poder compreender e conviver com o *statu quo* da indústria cultural, sem, contudo, renunciar à crítica (Adorno, Horkheimer, 1985). É necessária a ruptura com tais escravizantes ideologias da sociedade contemporânea para se viver o ideário da plenitude humana.

A dignidade da pessoa humana, que supostamente deveria estar vigente após a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), sobretudo após os horrores da Grande Guerra, não chegava aos países marginalizados e, denuncia Freire, a gênese do problema estava correlacionada à educação, não à parte dessa. A educação que estava aparelhada para os interesses do Estado e seus agentes, notadamente dominados pela sanha imperialista dos Estados Unidos da América, criaram o sistema educacional cuja dinâmica dialética se ocorrerá entre o detentor dos saberes (opressor) e o dependente desses (oprimido). A violência em tal relação produzia dominação, enquadramento e formatação de pessoas para serem dóceis às barbaridades praticadas pelo Estado e seus agentes (Gadamer, 1997).

Freire não concebia educação como 'fábrica' de reificação (*Versachlichung*), conceito elaborado por Marx para explicar como o sistema do capital tendia a objetificar pessoas e relações sociais ao ponto de lhes transformar em 'objeto' (Marx, 2023)¹⁰. O educador compreendia a educação como processo dialógico, aparentemente correlacionado com a maiêutica socrática, pois ele descreve "o diálogo é uma exigência existencial" (Freire, 2005, p. 79). Portanto, a educação não poderia ser 'fábrica' de mão-de-obra, independentemente da qualificação, tampouco poderia ser extirpada daqueles que foram tornados órfãos devido ao abandono educacional. Existir implica em agir e tal atitude é oriunda da ação educativa que desenvolve as habilidades humanas ao ponto de emancipar e libertar.

A preocupação de Freire com a dialética das relações estende-se quando afirma, por exemplo, que "[...] não estou no mundo, eu sou no mundo [...]" (Freire, 2005, p. 53). Tal afirmação tem implicação ontológica, fenomenológica e dialética, áreas da Filosofia que analisam como o ser humano, para além de existir como sistema biológico produzido por eras de evolução, torna-se um agente de transformação ao ser conscientizado da capacidade e necessidade de ação dinâmica para chegar à emancipação. Assim, disse o autor:

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade (Freire, 2005, p. 107).

É inerente à humanidade o prequestionamento e a busca por sentido à existência e as respostas para tal busca é produção da autonomia qual técnica que é possibilitada à educação como metodologia. Na epistemologia freireana, a educação não é a finalidade, mas o itinerário, com múltiplas ferramentas que podem conduzir à plena liberdade ou emancipação do sujeito.

¹⁰ O artigo atém-se ao aspecto filosófico do pensamento de Marx, não adentrando nas múltiplas e diversificadas interpretações que surgiram posteriormente.



Kiekegaard (1998) ressalta que a busca de si mesmo, quando insatisfeita pode alijar a pessoa de sua existencialidade, ou seja, capacidade de se compreender como parte inseparável da coletividade e, ao mesmo tempo, dependente desta. O pensamento de Freire comporta a grande reflexão que é o objeto da Filosofia desde sempre: porque, como, onde e quando somos. Segundo sua proposta epistemológica, a educação deve aportar saberes que possam levar o indivíduo à constante reflexão sobre si mesmo, o mundo e as interrelações que um produz no outro em constante transformações.

A preocupação de Freire quanto a tais aspectos chegará à afirmação “há que se aprender a sua palavra, pois com ela, constitui a si mesmo e a comunhão humana em que se constitui; instaura o mundo em que se humaniza, humanizando-o” (Freire, 2018, p. 13). Tal reflexão é o fio condutor da ação proposta pelo educador, haja vista que ele trará para o pensamento educacional conceitos derivados do cristianismo, religião professada por Freire. A partir de Jesus, a palavra comunhão vai além do *communio* latino que se deflagra na posse ou compartilhamento do comum. No ideário cristão, tal comunhão está mais afeita ao buscar e trazer o outro para junto de si ao ponto de poderem criar união, solidariedade e altruísmo, tal qual explanado na “alteridade” de Lévinas (1989).

Se na fenomenologia o sujeito descobre o mundo a partir das experiências e passa a desenvolver-se na interação constante dessas com a corporalidade e ação, a alteridade recomenda ao passo seguinte. Ainda que muito se fale em ‘empatia’, algo mal explanado como a capacidade de se colocar no lugar do outro, a Filosofia traz a concepção da alteridade como a necessidade de se constituir a partir do outro. Não é questão de sentimentalidade ou experiência, mas a própria essência da vida social na qual, todos são corresponsáveis pelo bem e desenvolvimento a partir do outro para si e não o contrário como ocorre na sociedade do espetáculo (Llosa, 2013). Freire embasa tal pensamento ao explicitar a necessidade da liberdade e emancipação, seja do oprimido para com o opressor e, igualmente, do opressor ao oprimido.

Freire não vitimiza pessoas ou lhes coloca como impossibilitadas de agir e reagir. Na sua proposta, torna-se claro que as responsabilidades pela emancipação recaem sobre todos, a fim de se evitar o vício da reprodução, no qual, aquele que é treinado, passa a agir exatamente como seu treinador, sem se questionar, segundo a alteridade, como traria implicações a partir do outro. Esse processo da constante construção da liberdade, mediado pela metodologia educação está presente em toda obra freireana e de execução ousada e perturbadora para alguns que dependem da exploração da dependência, seja nas relações humanas ou nas institucionais, incluindo os estados nacionais.

Considerações finais

Freire é o catalisador de uma revolução pacífica para construção de uma sociedade renovada descrevendo, ao longo da vida, sua epistemologia para viabilização de uma coletividade mais equânime e menos iníqua. A privação da liberdade entre humanos é o crime contra a



dignidade mais antigo de que se tem relatos. Escravização, humilhação, pobreza, violências etc., são algumas das formas que a humanidade usou para privar pessoas de sua condição humana, rebaixando-as a condições indecentes de existência.

A educação ofertada pelo Estado sofre perigosos reveses, ora sendo atacada frontalmente, ora sendo exposta como ‘ameaça’ aos interesses da sociedade ou até como ameaça à ordem moral e política. A educação é orientada em fatores políticos, econômicos e culturais que interferem na sua produção, contudo, na epistemologia de Freire, sendo ela o método, não sofre impactos no resultado. Em Freire, não há uma educação manipulável porque não são as ideias que a sustentam, mas a Filosofia e sua prática (Gadamer, 1997).

O foco principal do pensamento de Freire é o ‘ser’ humano com plenitude e sem opressões externas, algo que pode representar ameaças aos projetos de poder totalitários. Avanços contra direitos fundamentais e humanos e a distorção da dignidade humana levam toda sorte de pessoas a reagirem contra seus interesses. Os que bradam contra a proteção de direitos humanos, esquecem-se que, sendo humanos, lutam contra si mesmos. Ao se esperar que a educação produza um determinado tipo de cidadãos, perverte-se o objetivo desta ação com os mecanismos de dominação que desejam enquadrar a educação. Os abismos e diferenças estruturais que sustentam as diferenças são criados com o paradigma cruel: a liberdade de alguns é produzida às custas da escravidão mental, cultural e social de muitos.

A liberdade é a capacidade plena que o ser humano possui de se compreender como único e, ao mesmo tempo, conectado à coletividade, sendo partícipe e dependente desta em movimento da virtude. Por outro lado, a pessoa que alcança a liberdade, produz a emancipação, a saber, a independência de pensar e racionalizar, contudo, buscando os meios de acrescer à existencialidade um objetivo que atenda o bem comum. Não há egocentrismo, individualismo ou populismo que possam resistir à proposta de Freire, algo especialmente interessante ao se considerar que vivemos no mundo dos ‘stalkadores’ digitais que passaram a ‘influenciar’ de tal modo a ação humana que as pessoas abdicam do seu privilégio de poder ‘ser’ humano.

O cenário atual é um lembrete constante para todos da responsabilidade que temos ao atuar ou recuar em momentos de crise. Freire, que vivenciou a ditadura e o exílio, nunca vislumbrou a possibilidade de desistir ou ignorar. Sua indignação com as condições degradantes do outro levavam-no a se levantar, não para denunciar os algozes, mas para agir e mostrar o que fazer para inibir suas ações. A epistemologia de Freire, carregada de Filosofia, convida à reflexão constante quanto à ação educativa e a promoção da emancipação da mentalidade humana. Não há soluções rápidas ou mirabolantes às questões da sociedade contemporânea. Todavia, o educador Paulo Freire tem exposto há décadas meios para viabilizar uma sociedade fraterna, justa e solidária que se almeja.

Não existe mundo sem educação, assim como não há educação sem o mundo. A necessidade de educar deve estar fundamentada no desejo de se permitir às pessoas a capacidade de usarem o raciocínio e a inteligência humanas para o que é necessário. A epistemologia de Freire vai ao ponto de se sugerir que essa busca parta das necessidades do



outro para si ou, ao iniciar em si mesmo, que faça a transformação para mudar o que não tem sido útil. O educador brasileiro criou a 'ágora' das práticas educativas e isso tem influenciado países do mundo todo. O Brasil, por outro lado, ainda desconhece o pensamento de Freire em sua abrangência e alcance, algo que demanda mais discussões, especialmente nas regiões mais ricas da nação.

Não haverá um novo Brasil se a educação não promover a pacificação e o diálogo baseado no respeito mútuo e consideração das prioridades corretas. Não se trata do 'certo' e 'errado', mas do 'desejável' e 'possível' na retomada da conscientização política do povo brasileiro, sempre manobrado e vilipendiado por agentes econômicos e poderosos influenciadores culturais. Através da epistemologia de Freire, auxiliando as pessoas a se transformarem, a nova realidade surgirá como fruto do trabalho incansável dos educadores que anseiam pela emancipação e liberdade de todo o povo brasileiro.

Referências

- ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Indústria Cultural**. São Paulo: EdUNESP, 2020.
- ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. São Paulo: Zahar, 1985.
- ARENDT, Hannah. **The origins of the totalitarianism**. London (UK): Penguin Classics, 2017.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Trad. Mario da Gama Kury. São Paulo: Mamadu, 2020.
- _____. **Retórica**. Trad. Carlos Alberto de B. Gonçalves. São Paulo: Edipro, 2006.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 5 de outubro de 1988. **Diário Oficial da União**, Brasília, 5 out. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 22 set. 2024.
- _____. Lei 5.540 de 28 de novembro de 1964: Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 3 dez. 1964. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5540.htm. Acesso em 22 set. 2024.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EdUSP, 2007.
- CUNHA, Antonio Geraldo. **Dicionário Etimológico da língua portuguesa**. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- DURKHEIM, Émile. **A Educação moral**. Trad. Raquel Weiss. 2ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- FERGUSON, Niall. **The War of the World: Twentieth-Century Conflict and the Remaking of Global Order**. New York: Penguin Press, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.



_____. **Pedagogia do Oprimido**. 65ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Petrópolis: Vozes, 1997.

INSTITUTO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS (IELA). **Ditadura na América Latina: rapinagem norte-americana**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/ditadura-na-america-latina-rapinagem-norte-americana/>. Acesso em 22 set. 2024.

KIEKEGAARD, Soren. **O conceito de ironia, com constante referência a Sócrates**. São Paulo: Editora 34, 2004.

_____. **A doença mortal**. São Paulo: Editora 34, 1998.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito: Uma Investigação Sobre Exterioridade**. Lisboa: Editora Presença, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio: Ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Objetiva, 2013.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política. O processo de produção do capital**. Volume 1. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2023.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 1999.

PLATÃO. **A República**. Trad. Maria Helena Rocha Pereira. Lisboa (PT): Calouste Gulbekian, 2017.

_____. **Fedro**. Trad. Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Penguin-Companhia, 2016.

RIBEIRO, Darcy. **A Grande Crise brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite**. Rio de Janeiro: Leya, 2018.



A EPISTEMOLOGIA DE PAULO FREIRE E O GRITO POR LIBERTAÇÃO

Resumo: O artigo considera como fio condutor a obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire publicada no Brasil há cinquenta anos. Analisa questões relacionadas às práticas educativas e relações humanas, tendo como objetivo explicar que a educação deve produzir liberdade e emancipação. Contextualiza o momento histórico da América Latina no século XX e suas múltiplas ditaduras. Considera a temática educacional, sua crise e dilemas, correlacionando com o momento político e social atual do Brasil. Expõe o pensamento de Freire permeado por conceitos da Filosofia ao ponto de se inferir que ele trabalhou a educação sendo metodologia ao invés de criar um ‘método’ como técnica. Explana a urgência de se pensar sobre a necessidade de promover a epistemologia freireana que tem o objetivo de estimular a reflexão crítica, a alteridade e a liberdade de sujeitos dialeticamente, ou seja, criar libertação para que, tantos libertos, quanto os que criam dominação possam revisitar a si mesmos buscando construir dinâmicas sociais que promovam o bem comum.

Palavras-chave: Pedagogia do Oprimido; Epistemologia; Liberdade; Educação.

LA EPISTEMOLOGÍA DE PAULO FREIRE Y EL GRITO POR LA LIBERACIÓN

Resumen: Ese artículo considera como hilo conductor la obra “*Pedagogia do Oprimido*” de Paulo Freire, publicada en Brasil hace cincuenta años. Analiza cuestiones relacionadas con las prácticas educativas y las relaciones humanas, teniendo como objetivo explicar que la educación debe producir liberación y emancipación. Contextualiza el momento histórico de América Latina en el siglo XX y sus múltiples dictaduras. Considera la temática educacional, su crisis y dilemas, relacionándolos con el momento político y social actual de Brasil. Expone el pensamiento de Freire permeado por conceptos de la Filosofía, hasta el punto de inferir que él trabajó la educación como metodología en lugar de crear un ‘método’ como técnica. Expone la urgencia de reflexionar sobre la necesidad de promover la epistemología freireana, que tiene como objetivo estimular la reflexión crítica, la alteridad y la liberación de los sujetos de manera dialéctica; es decir, crear liberación para que tanto los liberados como los que crean dominación puedan revisarse a sí mismos, buscando construir dinámicas sociales que promuevan el bien común.

Palabras claves: Pedagogía del Oprimido; Epistemología; Liberación; Educación.

THE PAULO FREIRE’S EPISTEMOLOGY AND A YELL FOR LIBERATION

Abstract: This paper considers Paulo Freire's work “*Pedagogia do Oprimido*”, published in Brazil fifty years ago, as its guiding thread. Issues related to educational practices and human relations are analyzed, with the aim of explaining how education should foster liberation and emancipation. The historical context of Latin America in the twentieth century, including its multiple dictatorships, is reported. Educational themes, their crisis, and dilemmas are correlated to the current political and social situation in Brazil. Freire's thought, permeated by concepts from Philosophy has been brought to the point of inferring that he approached education as a methodology rather than creating a ‘method’ as a technique. Finally, it invites us to discuss the urgency of reflecting on promoting Freirean epistemology as a need, which aims to stimulate critical reflection, alterity, and the liberation of subjects dialectically; that is, to create liberation so that both the liberated and those who create domination can revisit themselves, seeking to build social dynamics that promote the common good.

Keywords: Pedagogy of the Oppressed; Epistemology; Liberation; Education.



RECEBIDO EM: 30 de setembro de 2024

APROVADO EM: 23 de abril de 2025

PUBLICADO EM: 15 de julho de 2025

SUGESTÃO DE CITAÇÃO:

SILVA, Márcio José; SILVA, Renan Antônio da. A Epistemologia de Paulo Freire e o Grito por Liberação. **Revista Espirales**, v. 9, e-location: e2282886914, 2025. DOI: <https://doi.org/10.29327/2282886.9.1-4>

EDITORIA-CHEFE: Tereza Spyer e João Barros II

EDITORIA ADJUNTA: Besna Yacovenco, Marina Magalhães Moreira e Orlando Bellei Neto

EDITORIA EXECUTIVA: Andres Steven Amaya Sanchez e Besna Yacovenco

EDITOR CONVIDADO PARA DOSSIÊS TEMÁTICOS: Miguel Ahumada Cristi

REVISÃO: Cibelle Burdulis da Motta

DIAGRAMAÇÃO: Alessandra Renata de Melo Teixeira

OBSERVAÇÃO: O manuscrito foi originalmente submetido para o Dossiê Temático "O legado de Paulo Freire na América Latina e Caribe". No entanto, em função dos prazos editoriais, foi publicado na modalidade de fluxo contínuo, dentro do regime de publicação contínua da revista.

